

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)

**Henri Regnault**

**Léon Denis  
e a Experiência Espírita**

*Título do original em francês*

*Henri Regnault - Léon Denis et l'Expérience Spirite  
(1928)*



Léon Denis



**Conteúdo resumido**

A obra propõe-se a analisar a atividade espírita de Léon Denis, no campo experimental, reunindo algumas importantes experiências mediúnicas que o levaram a adquirir a convicção necessária à realidade de suas afirmativas como escritor e orador espírita.

Oferece, ainda, orientações sobre o desenvolvimento da mediunidade e as principais qualidades necessárias para ser um bom experimentador.

Por fim, adiciona conselhos oportunos sobre a formação de grupos, nos quais é ressaltada a necessidade da “disciplina, paciência, perseverança e regularidade, além do caráter mental”.

## **Sumário**

Prefácio .....	3
À guisa de prefácio .....	5
I – As experiências de Léon Denis .....	7
II – As qualidades do experimentador .....	26
III – Como formar os grupos .....	28
IV – Como tornar-se médium .....	29
V – Como experimentar .....	32

## Prefácio

Henri Regnault foi contemporâneo de Léon Denis. Escreveu este livro, ao que parece, em cima da morte do mestre, provavelmente tangido por uma forte emoção.

Seu trabalho se propõe analisar a atividade espírita de Léon Denis, no campo experimental e, junto a ela, adicionar exemplos vividos e conselhos oportunos sobre a formação de grupos, onde é ressaltada a necessidade da “disciplina, paciência, perseverança e regularidade, além do caráter mental”.

Regnault, ainda em outros capítulos, aborda os temas: Como experimentar, como tornar-se médium e quais as qualidades ideais do experimentador.

Todos os conselhos estão calcados nas obras de Denis, notadamente em *No Invisível*, de onde o autor tira a maior parte das citações, aliás bem lembradas.

Sentimos, porém, a falta dos textos enxutos e limpos de aparatos, que Denis emprega em seu livro *Espíritos e Médiuns*.

Nesta importante obra, embora Denis fale somente um pouco de suas experiências, ele o faz muito bem, no Capítulo V – “A Análise da Mediunidade”.

Ali ele nos diz de notável experiência em que uma médium desconhecida, que o visitava pela primeira vez, recebe Jerônimo de Praga e a Sra. Forget.

Nesta mesma sessão, outro médium, usando da psicografia, registra a presença de um suicida, que dá provas de sua identificação, como sendo o pai de uma pessoa presente à reunião e que, aliás, pela primeira vez, participava de uma sessão espírita.

Enfim, *Espíritos e Médiuns*<sup>1</sup> poderia ter contribuído, e muito, para o enriquecimento das observações do livro de Henri Regnault.

Reconhecemos que se trata de excelente esforço em torno das atividades mediúnicas de Léon Denis e que nos induz, a nós os leondenisianos, a pesquisar ainda mais.

*Altivo C. Pamphiro*  
Rio de Janeiro, setembro de 1992.

## À guisa de prefácio

Estudando a obra de Léon Denis, em meu livro *A Morte não Existe*, tive a ocasião, por várias vezes, de assinalar as provas pelas quais os espíritas têm o direito de afirmar, simultaneamente, a sobrevivência dos mortos e as possibilidades que eles têm de se comunicar com os vivos.

Um autor, que se tornou acadêmico, e por isso mesmo “imortal”, Abel Hermant, fez em *Coutras Soldat* uma observação que passo a transcrever.

“Não aceitamos, espontaneamente, que nossos amigos não sejam tão infelizes quanto nós e como nós: devemos amá-los.

Nossos males não nos parecem suportáveis, a não ser que estejam igualmente experimentados pelos que nos são mais caros ou, pelo menos, pelo maior número possível de pessoas; e a morte, entre outras coisas, se tornaria bem mais compreensível, se estivéssemos seguros de que o mundo acaba conosco.”

Há, segundo creio, um meio muito mais seguro de tornar a morte compreensível: é saber, exatamente, o objetivo de nossa passagem pela Terra, de procurar o que acontece conosco após a morte.

Para ser precisamente esclarecido, não haverá melhor meio do que ler as obras de Léon Denis, portanto estudando o Espiritismo.

Poder-se-á, assim, conhecer a morte, conseqüentemente não temê-la, pois se terá a certeza de que ela é simples mudança de estado, que em nada modifica nosso *eu* real.

Certamente, Abel Hermant parece ter observado justamente que os egoístas teriam um maldoso prazer em comunicar a seus amigos que eram também tão infelizes quanto eles, mas isso não lhes evitaria quaisquer sofrimentos pessoais e não lhes faria conhecer a finalidade de suas provas terrenas, nem a utilidade de saber suportá-las com resignação ativa.<sup>2</sup>

Mas os espíritas são altruístas e não egoístas; a observação do autor de *Coutras Soldat* não se dirige, portanto, a eles.

Léon Denis mostra a seus leitores o que é o Espiritismo, quais são as provas reais em que se apoia e como ele é para os humanos um excelente meio de consolação e quais são suas consequências morais.

Tendo estudado sua obra sob seus diferentes aspectos, julguei útil pesquisar em seus escritos como Léon Denis havia adquirido pessoalmente a prova da realidade de suas afirmativas; para repetir a feliz expressão colocada por meu amigo Gaston Luce, no título de sua interessante biografia do mestre, *O Apóstolo do Espiritismo*, contentou-se ele em apresentá-lo como doutrinador, afirmando que outros, dignos de fé, o haviam assim denominado.

Ao contrário, esteve ele pessoalmente preocupado com o maravilhoso problema da morte?

Teria ele feito pesquisas? Suas experiências foram concludentes?

Essas questões deviam ser propostas não aos leitores habituais de Léon Denis; estes conhecem bem a consciência do patriarca do Espiritismo; eles leram, por vezes, em seus livros a descrição de uma ou de outra experiência espírita, realizada por ele; conhecem tal resultado obtido nos grupos que ele frequentava.

Certamente, já têm a certeza de que Léon Denis foi um experimentador sagaz, habilidoso, prevenido, prudente e, para eles, a questão não interessava.

Entretanto, ficariam talvez satisfeitos em encontrar, num único lugar, os ensinamentos esparsos através da considerável obra do mestre.

Todavia, para todos os que eu desejaria lessem a obra completa de Léon Denis; para os que ainda não tomaram conhecimento da magia de seu estilo; para os que, tendo lido um ou alguns de seus livros, seria talvez útil propor-lhes as questões relativas à experimentação pessoal de Léon Denis; seria talvez necessário tentar resolvê-las.

*17 de julho de 1928*

# I

## As experiências de Léon Denis

Para pesquisar como Léon Denis experimentava e quais provas pessoais pôde obter, fiz novas incursões por toda a obra do mestre. O estudo foi longo, mas de um interesse apaixonante.

Há, com efeito, muito a se aprender, quando se busca a maneira pela qual um homem como Léon Denis pôde constatar, por si só, a realidade dos fenômenos espíritas e a certeza da comunicação entre os vivos e os mortos.

E essa busca era necessária, porque Léon Denis, sobre esse assunto, como também em tantos outros, é para nós um maravilhoso exemplo a ser seguido.

No Congresso Espírita Internacional de 1925, que obteve na imprensa um grande sucesso, Léon Denis apresentou um interessante trabalho sobre as sessões espíritas feitas em Tours, cidade na qual passou quase toda a sua vida.

Teria podido me contentar em comentar essa narrativa, bem completa por si mesma, porém preferi me servir dela simplesmente como base.

Em 1862, Léon Denis tinha 16 anos. Segundo ele, ainda era muito jovem naquele momento e, principalmente, possuía uma condição bem modesta para pretender entrar no Grupo Espírita fundado pelo Dr. Chauvet.

O Espiritismo tem feito reais progressos; conheço espíritas, de situação modesta, que não hesitam em fazer dessa Doutrina a base da própria educação de seus filhos. Léon Denis só teria 2 anos mais para se ocupar com o Espiritismo.

É, realmente, com a idade de 18 anos, portanto em 1864, que, numa livraria de Tours, situada numa das grandes ruas dessa cidade – deve ser a Rua Nationale –, ele encontrou uma obra cujo título o atraiu. Era *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Comprou-o, leu-o, às escondidas de sua mãe, porque receava que essa leitura lhe seria desagradável, porém descobriu, com grande espanto, que ela mesma, tendo achado essa obra no quarto de

Léon, desejou igualmente lê-la, talvez em segredo e sem dizê-lo a seu filho.

*O Livro dos Espíritos* levou Léon Denis a pensar que existe no Espiritismo algo de plausível.

Com a sequência de suas reflexões, decidiu fundar um grupo. Esse grupo teve sua sede na Rua do Cygne.

A propósito, é curioso notar que, no curso de minhas viagens, quando paro em Tours, desço justamente no Hotel de Cygne, situado na Rua do Cygne.

Os resultados obtidos por Léon Denis e seus amigos, no decorrer das experiências efetuadas na Rua do Cygne, foram verdadeiramente medíocres.

Houve mesmo alguns casos de obsessão.

O grande apóstolo do Espiritismo não foi favorecido desde o início.

Em 1867, Léon Denis travou conhecimento com Allan Kardec, que viera fazer uma conferência em Tours, que, aliás, não pôde ser efetuada no salão público onde havia sido anunciada e teve que se realizar, quase de improviso, em Spirito-Villa.

Puseram jovens à porta do local onde deveria ocorrer a conferência, avisando às pessoas: “Dirijam-se à Spirito-Villa.”

Esse retrospecto nos permite avaliar como somos favorecidos, nós que podemos, atualmente, anunciar nossas reuniões espíritas sem receios.

Entretanto, alguns se obstinam, sem nada conhecer do verdadeiro Espiritismo, em considerar nossa Doutrina como um perigo.

É assim que no *La Rumeur*, de 23 de junho de 1928, a Sra. Aurel pede a proibição severa das reuniões espíritas, sob o capcioso pretexto de que “toda reunião espírita tende a enlouquecer continuamente o auditório, portanto a provocar a depressão mental e o enfraquecimento do senso crítico”.

A Sra. Aurel escreveu isto a propósito do “processo de Mantès”, que provocou grande alarido na imprensa e que, no dizer de

nossos adversários mal informados, é “le ballon crevé des spirites”.<sup>3</sup>

Não tendo sido admitido, mais de uma vez, em 1923, às experiências organizadas em casa da Sra. Alexandre, não posso opinar sobre a irrealidade dos fantasmas de Mantes, porém sou obrigado a lembrar aos antiespíritas que os próprios espíritas têm desmascarado as fraudes e que elas não impedem que os fenômenos reais existam.

O Espiritismo não repousa unicamente sobre as materializações, porém sobre um conjunto de fatos medianímicos reconhecidos como exatos por numerosos sábios.

Muito frequentemente se acreditou abater em definitivo o Espiritismo, mas cada vez nossa Doutrina sai vitoriosa e mais forte da luta e o mesmo acontecerá após os novos ataques desferidos no “processo de Mantes”.

Se a Sra. Aurel fizesse a honra de me ler, ela se daria conta de que em uma verdadeira reunião espírita, os assistentes conservam em cada instante seu espírito crítico, seus meios de controle e que, por consequência, os experimentadores não buscam, como se pensa, “provocar a depressão moral e o enfraquecimento do senso crítico”.

Se ela tivesse o trabalho de estudar a obra de Allan Kardec, de Gabriel Delanne, de Léon Denis, não escreveria com ingenuidade tais afirmações, em contradição absoluta com o que realmente existe.

Sem se deixar perturbar pelas campanhas da imprensa, onde nossos adversários buscam em vão nos ridicularizar, sem argumentos sérios, os militantes do Espiritismo compreenderão melhor ainda a necessidade de tornar conhecida a todos a realidade do Espiritismo e decidirão continuar os esforços dos que, como Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, tiveram a missão maravilhosa de torná-la conhecida do povo francês.

A guerra de 1870, como a Guerra Mundial, demoliu um pouco todos os grupos espíritas de nosso território.

Após ter dedicado seus esforços na defesa de nossa terra, Léon Denis reencontrou em Tours o capitão Armand e fundou, com ele, um novo Grupo.

*O Porquê da Vida* estava publicado desde 1885 e Léon Denis já havia começado sua atividade de conferências, quando, em 1890, realizou experiências com Perinne, presidente da Câmara de Apelação de Alger e Lejeune, ex-lugar-tenente da guarda, em um grupo, cuja médium era a Sra. Forget.

Léon Denis, por diversas vezes, cita as qualidades medianímicas extraordinárias dessa médium.

Todavia, foi somente em 1892 que fundou o grupo, dos mais importantes, que ele teve a ocasião de presidir.

Esse grupo estava instalado na Rua do Rempart e possuía cinco médiuns.

Em 1900, após a morte da principal médium e da partida de Tours de certas pessoas chamadas para outros locais da França, esse grupo foi dissolvido.<sup>4</sup>

Entretanto, Léon Denis, não tendo mais grupo onde pudesse oficialmente trabalhar, jamais cessou de fazer experimentações espíritas.

Ele manteve um grupo particular, com médiuns<sup>5</sup> e durante a Grande Guerra Mundial, por intermédio deles, foi posto ao corrente da proteção de nossos amigos do Além e das diferentes fases das peripécias que se passavam nos exércitos. Comprovei isso, estudando seu livro *O Mundo Invisível e a Guerra*.<sup>6</sup>

Lendo a narração de Léon Denis no Congresso de 1925, eu me lembrava das múltiplas provas pessoais que nossos guias nos deram, durante a guerra.

Em janeiro de 1917, fui reformado definitivamente por ferimento de guerra; quis começar imediatamente a trabalhar na divulgação do Espiritismo, ao qual eu havia decidido me consagrar, já que, em meu leito de sofrimentos, tinha realmente encontrado em nossa filosofia, que eu então estudava, o meio de suportar todas as minhas provações físicas, morais e materiais.

Nós tínhamos, cada segunda-feira, à noite, uma reunião com uma excelente médium de incorporação, a Sra. Hélène, que me ajudava em minhas pesquisas, com o mais completo desinteresse.

No decorrer de nossas reuniões, acontecia, frequentemente, que um guia nos falava:

“Em alguns instantes, meus amigos, irão ouvir soar o alarme; orem por aqueles que vão ser vítimas, mas não tenham medo, continuem a trabalhar, nada têm a temer.”

Em nenhuma vez nossos guias nos anunciaram alguma coisa, sem que, num espaço de 15 a 30 minutos não tivéssemos a ocasião de confirmar sua afirmação e de constatar, assim, que nossos guias não se enganavam.

É desnecessário acrescentar que, certos dessa proteção do Além, nós não nos perturbávamos.

Eu residia, então, em Étoile, no térreo de uma pequena casa de três andares, que poderia ter sido bombardeada por várias vezes, pois as bombas dos aviões caíram realmente, perto da casa, especialmente na Avenida da Grande Armée e na Rua de Saigon.

Continuávamos nosso trabalho. Isto me trazia felicidade, uma vez que havia coincidência entre as experiências de Léon Denis e as que, graças à proteção de meus guias, me foram dadas realizar.

Até sua morte, Léon Denis esteve sempre em contato com o Além.

Tal é o rápido resumo do trabalho apresentado pelo mestre ao Congresso Espírita Internacional de 1925.

Vou agora registrar, em suas obras, o que se refere a suas experiências pessoais; não tenho a pretensão de anotar todas as passagens onde Léon Denis fala de suas experimentações. Simplesmente, tenho o desejo de indicar as principais e mostrar os fenômenos, que foram obtidos por Léon Denis.

Entre eles, os mais interessantes foram conseguidos espontaneamente.

Chama-se fenômeno psíquico espontâneo um fato que se produz de improviso, seja fora das sessões, ou mesmo no seu desenrolar, sem que se haja procurado, por qualquer meio, provocá-lo.

Léon Denis teve a oportunidade de estar em uma casa onde se produziam fatos mal-assombrados.

Mesmo no curso da guerra de 1870, ele teve a oportunidade, graças a um de seus amigos, médium, de obter a prova de que os fenômenos de assombrações são uma realidade.

Ainda se afirma, atualmente, ser trapaça a existência dos fenômenos das casas mal-assombradas.

Pode-se tentar dar, nesses casos, uma explicação diferente da dos espíritas, porém a existência dos fenômenos não pode ser contestada.

Muitas obras os consagram, notadamente por Maxwell e por Camille Flammarion, que relatam o grande número de pesquisas judiciárias feitas a propósito.

“Durante a guerra de 1870 – escreve Léon Denis <sup>7</sup> –, sendo oficial entre os mobilizados de Indre-et-Loire, fiquei alojado durante alguns dias, numa vasta e antiga residência, à beira do campo de Dompierre, onde nosso batalhão estava acantonado.

Quando, à noite, eu retornava ao meu quarto, através de escadarias e de longos corredores, sentia singulares sensações: sopros e contatos indefiníveis me impressionavam.

Por toda a noite, eu era incomodado por ruídos misteriosos e vibrações que faziam tremer o assoalho.

Um sargento de minha companhia era médium; eu o levei ao local, numa noite de inverno, e ficamos ambos em torno de uma mesa, procurando descobrir o segredo daquelas manifestações.

A mesa logo se agitou e depois foi derrubada por uma força irresistível.

Lápis foram quebrados e o papel rasgado.

Pancadas estalavam nas paredes; ruídos surdos pareciam sair das profundezas do solo e se faziam ouvir.

De repente, a luz se apagou e se ouviu um estrondo mais forte que os anteriores, que fez tremer a casa e depois se perdeu, ao longe, no silêncio da noite.

Antes de deixar essa casa mal-assombrada, soubemos que ela havia sido palco de cenas sanguinolentas.”

\* \* \*

“Morei por muito tempo em Tours – explica Léon Denis<sup>8</sup> –, em uma casa onde eram ouvidos ruídos de passos, golpes dados nas paredes e nos móveis.

Portas se abriam, depois que mão invisível as tocava e girava as maçanetas.

A campainha soava, sem que a tocassem. Algumas vezes, no mesmo instante em que um visitante queria pôr a mão, ouvia-se o som, antes que ele a tocasse.”

Também tenho minha experiência pessoal. Em 1919, passei minhas férias nas imediações de Caen, em Riva-Bella, numa pequena casa.

Na ocasião, eu tinha como empregada Jeanne, uma jovem mulher, que era médium, porém com a qual jamais tivera ocasião de trabalhar, seriamente.

Numa noite, minha mulher e eu terminávamos o jantar, quando Jeanne nos chamou.

Ela havia subido e queria entrar em nosso quarto para fazer arrumação, mas não conseguia abrir a porta do cômodo.

Minha mulher, Mado, subiu, tentou girar a maçaneta e sentiu uma resistência muito forte. Fui, então, chamado.

Subindo, pedia a meus protetores para me ajudarem, se possível, e que me dessem a prova de que Jeanne, que ouvia com frequência, falar de Espiritismo, não estava sendo vítima de uma auto-sugestão e que Mado, por sua vez, não estivesse sugestionada.

Senti, igualmente, uma resistência que era exatamente a que se produziria se, alguém, do interior, impedisse girar a maçaneta.

Após um apelo a meus guias, a porta foi finalmente aberta.

Olhamos por todos os cantos, debaixo da cama, debaixo do armário, não vimos nada, absolutamente.

Jeanne ficou de tal modo espantada, que seu rosto empalideceu.

Léon Denis teve, igualmente, como fenômeno espontâneo, uma materialização.

Está descrita,<sup>9</sup> na página 22 de *O Além e a Sobrevivência do Ser* (40º milheiro), na página 362 de *No Invisível* (7º milheiro), na página 233 de *Cristianismo e Espiritismo* (12º milheiro) e na página 254 do “Relatório do Congresso Espírita Internacional de 1925”.

É desse último documento que extraí a narração feita pelo mestre:

“Era uma noite de verão, porém ainda em plena luz do dia, quando estávamos reunidos o capitão e eu, em casa do Dr. Aguzoly, na Rua do Comércio, em seu consultório e aí fomos testemunhas de uma materialização prometida de muito pelos Espíritos.

Ouviram-se três golpes na parede e uma forma humana apareceu a alguns passos de nós três, que estávamos sentados com as costas para a janela.

A forma saiu de uma parede e, deslizando lentamente pelo assoalho, atravessou o cômodo para ir desaparecer na parede oposta.

A parte superior do corpo estava nitidamente visível, mas a parte inferior era compacta e indefinível.

Estávamos os três perfeitamente despertos e conscientes, e nossas observações foram absolutamente idênticas.

Nenhuma trapaça nos pareceu possível, as portas estavam fechadas e não havia nenhuma solução de continuidade nas paredes onde se produzira a aparição, logo desaparecida.

Coisa singular: não havia nenhuma mediunidade em jogo e, se doamos fluidos, não tivemos disso consciência.

Os Espíritos guias nos disseram, em seguida, que eles se serviram de um espírito muito inferior que eles haviam aju-

dado com seu poder, retirando os elementos da materialização dos fluidos ambientes, para conformar nossa convicção na realidade do Espiritismo.”

Na página 420 de *Cristianismo e Espiritismo* (12º milheiro),<sup>10</sup> Léon Denis afirma que obteve, muitas vezes, a escrita direta.

Sabemos em que consiste esse fenômeno: coloca-se um lápis numa caixa, ou entre duas ardósias.

Coloca-se a tampa sobre a caixa e adapta-se uma ardósia contra a outra. Amarra-se tudo e, sem qualquer contato, obtém-se, por vezes, comunicações escritas, que são provas evidentes das identificações.

Dessa forma foi possível obter-se assinaturas de pessoas mortas, absolutamente desconhecidas dos assistentes, assinaturas totalmente idênticas às que os mortos tinham em vida.

De igual maneira, obtiveram-se comunicações em língua estrangeira, diferente da falada pelo médium e pelos assistentes, que não a conheciam.<sup>11</sup>

\* \* \*

O sono é, igualmente, uma coisa interessante.

Em *O Problema do Ser e do Destino*, Léon Denis estuda, simultaneamente, a alma e os diferentes estados do sono.

Por vezes, diz ele, quando se sonha, há atividades que são realmente realizadas e é assim que na página 94 de *O Problema do Ser e do Destino* (14º milheiro),<sup>12</sup> Léon Denis nos indica o que pelos sonhos se produz.

“Quanto mais a alma se afasta do corpo e penetra nas regiões etéreas, mais frágil é o liame que os une, mais vaga é a lembrança ao despertar.

A alma plana bem longe, na imensidade, e o cérebro não registra mais suas sensações.

Disso resulta que não podemos analisar nossos mais belos sonhos.

Algumas vezes, a última das impressões mantidas no curso dessas peregrinações noturnas permanece ao se despertar.

Se, nesse momento, tivermos a precaução de fixá-la fortemente na memória, ela poderá permanecer gravada.

Certa noite, tive a sensação de vibrações no espaço, as últimas com uma melodia doce e penetrante e a lembrança das derradeiras palavras de um canto, que terminava assim: *São céus inumeráveis.*”

Léon Denis também foi magnetizador. Em suas experiências, chegou, por vezes, a adormecer o médium; outras vezes, ao contrário, este era posto em transe pela magnetização dos Espíritos.

Na página 76 de *O Além e a Sobrevivência do Ser* (40º milheiro),<sup>13</sup> Léon Denis menciona múltiplas experiências de regressão de memória.

“É, sobretudo – escreve ele –, na hipnose, no transe, no afastamento da alma, que o passado pode retornar e reviver.

Experimentei, nesse sentido, em vários médiuns.

Adormecidos, por mim ou pelas entidades invisíveis, eles reproduziam cenas de suas existências passadas, cenas pungentes ou trágicas, que não poderiam inventar, por muitas razões.

Certos pormenores dessas vidas puderam ser controlados e reconhecidos como verdadeiros.

Infelizmente, a natureza íntima desses fatos não permite levá-los à publicidade.”

Denis faz alusão às provas que obteve; encontram-se na página 31 de *O Problema do Ser e do Destino* (14º milheiro).<sup>14</sup>

Conhece-se o caso de Hélène Smith, estudado pelo Professor Flournoy, publicado numa importante obra: *Das Índias ao Planeta Marte*. Na página 245 de *O Problema do Ser e do Destino* (14º milheiro),<sup>15</sup> Léon Denis nos afirma ter estado diante de casos semelhantes.

“Um dos médiuns do grupo, cujos trabalhos dirigíamos, reproduzia, em transe, sob a influência do Espírito guia, cenas de suas diferentes existências.

Inicialmente, foram as da vida atual, do período da infância, com expressões características e emoções juvenis.

Depois vieram episódios das vidas passadas, com gestos fisionômicos, atitudes, movimentos, reminiscências de expressão da Idade Média, num conjunto de pormenores psicológicos e automáticos muito diferentes dos atuais hábitos da mulher, muito recatados e incapazes de qualquer simulação, e dessa forma obtínhamos esses estranhos fenômenos.”

Léon Denis obteve fenômenos de encarnação (ou de incorporação). Esses fenômenos são relatados em *Cristianismo e Espiritismo* (12º milheiro),<sup>16</sup> às páginas 265 e 268.

Dois médiuns os forneceram; um era de bem modesta condição e tinha pouco preparo intelectual; o outro, ao contrário, era uma mulher elegante e de boa educação.

Ora, é justamente por intermédio do médium mais simples e sem instrução que os guias de Léon Denis e os do grupo que ele presidia, à Rua do Rempart, se manifestaram.

Esses guias davam conselhos aos assistentes e falavam com precisão sobre pormenores de suas vidas íntimas, a tal ponto que tais indicações constituíam as melhores provas de identificação.

Pelo contrário, a médium elegante e distinta dava, quando em transe, passividade a espíritos inferiores e até grosseiros e assim, graças a ela, se conseguiu, durante muito tempo, a presença de um Espírito, hoje conhecido, para os que estudam a obra de Léon Denis. É o de Sophie, uma ex-vendedora de legumes em Amiens, que vindo frequentemente se manifestar, empregava o dialeto picardo,<sup>17</sup> totalmente ignorado, tanto pelo médium como pelos assistentes.

Lá, também, as provas de identificação foram absolutamente incontestáveis e, uma vez mais, se confirmou essa certeza de que o Espiritismo beneficia, não apenas os que vivem neste mundo, porém, ainda, os espíritos sofredores do além, que os guias trazem às sessões sérias de Espiritismo, para que possam continuar, no Espaço, a evolução que é o objetivo de toda a vida humana.

Encontram-se interessantes dados sobre o transe nas páginas 323 e seguinte de *No Invisível* (7º milheiro – edição francesa).

Lendo-se as primeiras palavras do 3º parágrafo da citação que vou fazer, elas vão responder, aos nossos adversários, que ainda estão irredutíveis na objeção à falta de luz em nossas reuniões.

Assim que se faz a obscuridade, exclamam eles: “Que controle poderá existir em tais condições?” Que tenham a paciência de continuar a leitura. O 5º parágrafo lhes dará a resposta.”<sup>18</sup>

“De 1893 a 1901 – escreve Léon Denis – possuíamos no Grupo de Estudos Psíquicos de Tours três senhoras, médiuns de incorporação, todas pertencentes à burguesia e cujo concurso era totalmente desinteressado.

Relatórios escritos, com vários volumes, permitem analisar os discursos pronunciados, as comunicações obtidas com o auxílio de suas faculdades e constatar, após vários anos, uma perfeita identificação de caráter e de pontos de vista de cada um dos comunicantes.

Logo que se faz a obscuridade, os médiuns sentem a influência magnética dos Invisíveis.

Na primeira fase do transe, estando ainda despertos, os médiuns veem todo um círculo de espíritos se formar diante dos experimentadores. Descrevem as aparições, ouvem e transmitem as indicações, as perguntas desses espíritos, em sua linguagem, com certas particularidades de fisionomia ou de atitude, e os assistentes reconhecem facilmente parentes e amigos desencarnados.

Quando o transe se acentua, o médium adormece e a incorporação se faz. Em nosso grupo, o poder fluídico dos Espíritos-guia era suficiente para anular a personalidade do médium e evitar qualquer intervenção no subconsciente.

Ao demais, pôde ser constatado, algumas vezes, com um dos sensitivos, uma mistura de personalidades, quando o transe não era profundo.

Quase sempre as incorporações se sucedem.

Quando o domínio é completo, acende-se a luz. Depois, logo que o Espírito se retira, diminui-se a luz, para facilitar a

ação fluídica dos Invisíveis e a entrada em cena de um novo ocupante.

Cada médium serve, habitualmente, a três Espíritos diferentes, numa mesma sessão.

Enquanto um médium faz a incorporação, os outros descansam, porém, às vezes, as incorporações são simultâneas.

Diálogos, discussões se travam então entre vários Espíritos e o presidente do grupo. Essas conversações entre quatro pessoas, das quais três do mundo espiritual, são sobremodo impressionantes.

Em geral, são inicialmente os Espíritos-guia que se manifestam, dando conselhos, instruções repletas de lógica e de grandeza, sobre os problemas da vida e do destino.

Em seguida, são as conversas com os Espíritos menos elevados, sendo que muitos viveram entre nós e partilharam de nossas vidas.

Cenas patéticas são produzidas. É um pai, uma mãe que vêm exortar seus filhos presentes na reunião.

Amigos do além nos recordam lembranças da infância, os serviços prestados, as faltas cometidas.

Apresentam sua maneira de viver no espaço, falam de alegrias e sofrimentos morais sentidos após a morte, consequências inevitáveis de seu modo de existência na Terra.

Como vivas lições de vida, plenas de movimentação e de colorido, esses transbordamentos, essas confissões nos tocavam profundamente.

Várias vezes, discussões de uma certa violência se travaram entre Espíritos. Dois políticos célebres adversários declarados na Terra continuavam se combatendo pela boca dos médiuns, com uma veemente oratória, uma dialética cerrada, com argumentos de tribuna e da profissão, com um conjunto de traços característicos e picantes que eram outras tantas provas de identificação.

Uma disputa de opiniões entre um de nossos guias e um Espírito obsessivo, ambos incorporados, atingiu alturas épicas.

Essas cenas, de uma intensidade de vida e de expressão tal como podemos ver num teatro, deixaram em nossas memórias inesquecíveis lembranças.”<sup>19</sup>

Léon Denis obteve numerosos fenômenos de vidência, no decorrer dos quais os médiuns descreviam os Espíritos que se achavam perto dos assistentes.

Igualmente, as provas de identidade foram numerosas; pode-se constatar, lendo, principalmente *O Problema do Ser e do Destino* (14º milheiro), na página 124, e *No Invisível* (7º milheiro), na página 142 (ambas edições francesas). Escreve Léon Denis:

“No grupo que, por muito tempo, dirigi em Tours, os médiuns descreviam aparições de mortos, visíveis só para eles, é verdade, mas que jamais haviam conhecido e dos quais não tinham visto nenhuma imagem ou ouvido fazer qualquer descrição e que os assistentes reconheciam após suas indicações.”

O grupo de Rempart é um dos que Léon Denis, parece, mais confiava. Os assistentes tinham oportunidade de obter comunicações bastante sérias, que representam sete volumes inéditos.

Quatro Espíritos elevados vinham dirigir as sessões: o Espírito Azul, Jerônimo de Praga, Henri e Espérance.

Jerônimo de Praga era o guia de Léon Denis, que, a esse respeito, escreveu em *O Problema do Ser e do Destino*:

“Jerônimo de Praga, meu amigo, meu guia, do presente e do passado, o Espírito magnânimo que dirigiu os primeiros passos de minha inteligência infantil, no longínquo das idades.”<sup>20</sup>

É interessante saber como Léon Denis foi levado à presença de seu guia Jerônimo de Praga. Este se manifestou, inicialmente, pela mesa, em 1882. Encontra-se o relato dessa manifestação na página 261, de *O Mundo Invisível e a Guerra* (edição francesa).

“A comunicação por pancadas dadas por meio dos pés de uma mesa, soletrando sucessivamente todas as letras do alfa-

betão, é considerada como um processo muito lento, monótono, rudimentar, empregado principalmente por Espíritos de ordem inferior.

É certo que, se para conversar com os Espíritos, dispomos de um bom médium de escrita mecânica, ou melhor ainda, de um médium de incorporação, como possuí um, durante mais de 20 anos, pode-se achar o emprego das mesas incômodo e fastidioso.

Acontece, todavia, que na falta de outros recursos, as entidades de alto valor não desdenham em recorrer às mesas.

É assim que meu venerável guia – Jerônimo de Praga – se revelou, pela primeira vez, em minha vida, no meio de um grupo de operários, num subúrbio de Mans, a 2 de novembro de 1882, Dia de Finados.

Certamente que nenhum dos assistentes conhecia a história do apóstolo tcheco. Eu sabia muito bem que o discípulo de João Huss tinha sido queimado vivo, como seu mestre, no século XV, por ordem do Concílio de Constança, mas não imaginava nada naquele momento.

Eu revia ainda, pelo pensamento, o humilde local onde fazíamos reunião, com umas 10 pessoas, em torno de uma mesa de 4 pés, sem nela tocar.

Apenas dois operários mecânicos e uma mulher nela colocavam suas mãos rudes e escuras.

Eis que o móvel ditou, com movimentos solenes e ritmados:

“Deus é bom, que sua bênção se espalhe sobre vós como um orvalho bendito, porque as consolações celestes só são prodigalizadas aos que procuram a justiça.

Lutei na arena terrestre, mas a luta foi desigual.

Sucumbi, mas de minha poeira surgiram defensores corajosos; marcharam no caminho que eu segui.

Todos eles são meus filhos bem amados.

*Jerônimo de Praga”*

Em sua longa carreira de militante espírita, Léon Denis teve, por várias vezes, provas formais de que seu guia era, realmente, Jerônimo de Praga.

Queria tirar dessa narrativa um ensinamento.

Acontece-me, frequentemente, protestar contra os que fazem da experimentação um divertimento e contra os que, não sabendo como passar o seu tempo, dizem, após um jantar mais ou menos copioso: “Por que não brincamos com a mesa?”

Algumas vezes são obtidos movimentos, em outras até pode haver manifestações de Espíritos, mas isso é uma perigosa maneira de proceder.

Prefiro, no lugar dessas diversões mundanas, a maneira séria de trabalhar que existe no povo e que Léon Denis e eu mesmo constatamos, por ocasião de experimentar, principalmente durante uma viagem de propaganda, na Bélgica, quando fui recebido nos meios operários.

Baseando-me na obra de Léon Denis, nas buscas necessárias para preparar este estudo, tive o grande prazer de verificar, de novo, que ele, com a modéstia que o caracteriza, transfere sempre para os Espíritos as coisas maravilhosas que teve ocasião de escrever.

Aí encontrei, mais uma vez, a prova de que Léon Denis não convivia somente com os vivos deste mundo, mas ainda com o mundo do Além. Para ele a interpenetração entre os dois mundos existia, realmente.

Estudando a obra de Léon Denis, sob o aspecto especial da experimentação, pude constatar, com grande alegria, que ele havia tido, por vezes, sessões improdutivas.

É bom sempre desconfiar dos médiuns que, constantemente e sem descanso, dão manifestações de Espíritos.

Alguns são claramente honestos, bem sinceros, muito sérios, porém, sem perceberem e na melhor boa-fé, podem estar, por vezes, em comunicações não com o Além, e sim com o seu subconsciente; podem, igualmente, fazê-lo através da auto-sugestão.

Repito mais uma vez, é preciso, quando se trata de Espiritismo, conservar, em cada segundo, o espírito crítico, mesmo conhecendo-se bem o médium.

Tenho atualmente a oportunidade de ter sido posto em relação <sup>21</sup> com um médium de transporte, que me parece bem interessante.

Estou em minha sétima sessão semanal e, embora o controle seja feito por mim, desde o início da reunião, da maneira mais séria, costuma-se, cada vez que a sessão termina, refazer, de novo, esse controle, para me dar certeza de que não estou iludido.

Apesar das aparências e de um controle bem sério, ainda não tenho o direito de opinar sobre os transportes extraordinários obtidos.

Trabalho com esse médium, tomando a maior cautela; talvez tenha necessidade de provocar a comunicação sobre o assunto.

De qualquer forma, essa criatura me parece muito sincera, totalmente desinteressada. Isso é, a meus olhos, a melhor virtude.

Para os resultados improdutivos ou insignificantes obtidos por Léon Denis, durante certas sessões de seus grupos, pode-se ler utilmente a página 123 de *No Invisível* (7º milheiro – edição francesa).

O grupo, primitivamente formado pelo mestre, na Rua do Cygne, em Tours, não deu jamais resultados interessantes; houve alguns casos de obsessão bem graves, provocados por entidades maléficas. Lembro que se trata de um grupo formado por iniciantes, ainda sem os suficientes conhecimentos sobre o meio de se proteger contra os perigos da experimentação.

Esses perigos são reais:

“Desde que se abordam esses fenômenos – escreve Léon Denis <sup>22</sup> –, somos envolvidos pelo mundo invisível que nos cerca, pelo caráter dessas multidões de espíritos que nos rodeiam e buscam, sem cessar, colocar-se em relações com os homens.

Em torno de nosso planeta atrasado existe uma vida poderosa, invisível, onde dominam os Espíritos invisíveis e zombeteiros, aos quais se misturam Espíritos perversos e malfeitores.

Há, também, apaixonados, viciosos, criminosos.

Deixaram a Terra com a alma cheia de ódio e o pensamento alterado por vingança; esperam, na sombra, o momento propício para satisfazerem seus rancores, suas fúrias, às expensas dos experimentadores imprudentes e imprevidentes que, sem precaução, sem reserva, abrem todos os largos caminhos que fazem comunicar nosso mundo com o dos Espíritos.

É por esse meio que nos vêm as mistificações sem conta, as trapaças audaciosas, as manobras pérfidas que os espíritas experimentados tão bem conhecem e que, em certos casos, conduzem os médiuns à obsessão, à possessão, à perda de suas mais belas faculdades. A tal ponto que certos críticos, fazendo a enumeração das vítimas desses fatos, relatando todos os abusos que decorrem de uma prática irresponsável e frívola do Espiritismo, perguntam se não há nele uma fonte de perigo, de misérias, uma nova causa de decadência para a humanidade.”

A esse propósito, consulte-se, proveitosamente, a obra de Maxwell, intitulada *Fenômenos Psíquicos*,<sup>23</sup> páginas 232 a 255; o capítulo XXII de *No Invisível* e o *Relatório do Congresso Espírita de Bruxelas*, de 1910, páginas 112, 124.<sup>24</sup>

Antes de aceitar qualquer um no grupo já constituído, é preciso estar bem seguro sobre a mentalidade e a boa-fé do aspirante.

Léon Denis é absolutamente claro e preciso.

Achei a prova disso à página 135 de *No Invisível*, 7º milheiro:<sup>25</sup>

“Em seguida – escreveu Léon Denis –, à introdução em nosso grupo de um experimentador entusiasta por fatos materiais e assistido por um cortejo de Espíritos inferiores, fenômenos vulgares vieram ajuntar-se às manifestações elevadas,

Espíritos levianos, inclinados às trivialidades, imiscuíram-se entre nós e foi necessária toda a energia de nossas vontades reunidas para reagir contra as más influências que nos invadiam.”

No relato que apresentou ao Congresso Espírita Internacional de 1925, Léon Denis indica que o desenvolvimento do Espiritismo em Touraine foi, por vezes, enfraquecido.

“Suas vicissitudes – escreveu ele – resultaram sobretudo da intervenção de certas personagens vindas de fora e que, com suas excentricidades e suas atitudes, procederam como loucos ou charlatães.”

## II

### As qualidades do experimentador

O estudo da obra de Léon Denis pode dar aos leitores condições para eles mesmos experimentarem.

Todavia, antes de mostrá-lo, quero lembrar o que eu escrevia em *A Morte não Existe* (analisando a tão interessante obra *No Invisível*).

As principais qualidades para ser experimentador são múltiplas. Se precisássemos reuni-las todas, não haveria, por certo, um único ser humano capaz de realizar experiências espíritas.

Pela continuidade de sua ação e de sua incansável propaganda, Léon Denis merecia receber os incentivos do além, entretanto ele aguardou, por muito tempo, provas pessoais. Essa tenacidade lhe dá o direito de guiar seus leitores, aconselhá-los e lhes afirmar que um experimentador deve ter paciência, perseverança, método e discernimento; deve, igualmente, manter seu senso crítico; e lhe convém ter, enfim, uma grande elevação de pensamento e de coração. Léon Denis agrega a esses dois últimos pontos um valor todo particular.

Antes de experimentar, é preciso saber que o Além não possui somente forças superiores; há, também, o outro lado do véu, como em nossa humanidade, seres que ainda não evoluíram, que permanecem num estágio primitivo.

Entretanto, eles têm necessidade de se manifestar aos vivos, nem que seja para poderem progredir aproveitando os benefícios do Espiritismo.

Portanto, é preciso, segundo penso, quando se tenta lidar com a mediunidade, estar preparado igualmente para entrar em comunicação com os seres inferiores desencarnados. É então, indispensável conhecer os mais graves perigos aos quais se fica exposto, nessa experimentação.

Por consequência, somente devem dedicar-se a esse gênero de experiências os que, por seus estudos, adquiriram do magne-

tismo e do Espiritismo um conhecimento profundo que lhes permita desembaraçar-se dessas forças.

Igualmente, é preciso, para assim proceder, estar animado, ao extremo, dos sentimentos de solidariedade e de bondade.

### III

## Como formar os grupos

Em *No Invisível*, Léon Denis deu excelentes conselhos sobre a maneira de proceder, para formar os Grupos de Estudos Espíritos.

Antes de tudo, os membros do grupo devem escolher entre eles um diretor das sessões.

Este deve ter uma real competência. Quanto aos assistentes, eles devem se manter numa disciplina rigorosa; devem ter método, paciência, perseverança, regularidade e um bom equilíbrio mental. Uma grande simpatia deve<sup>26</sup> aproximar as pessoas do grupo, que têm o dever de nunca se deixarem guiar pelo interesse.

Os assistentes guardarão constantemente seu senso crítico e o exercerão, incessantemente, para poderem julgar o valor das manifestações. Uma grande elevação de pensamento é indispensável.

Todas essas qualidades são, por certo, difíceis de se conseguir, mas, quando as possuímos, chegamos a bons resultados.

## IV

### Como tornar-se médium

Em *No Invisível*, Léon Denis indica as condições necessárias para se tornar um bom médium.

Todos os seres humanos têm, em estado latente, a mediunidade.

“Há em cada um de nós rudimentos de mediunidade, faculdades em gérmen, que podem desenvolver-se pelo exercício.

Para a maior parte, um longo e perseverante trabalho é necessário. Entre certas pessoas, essas faculdades aparecem desde a infância e conseguem, sem esforços, com o tempo, um alto grau de perfeição.

Nesse caso, elas são o resultado de aquisições anteriores, o fruto dos trabalhos conseguidos na Terra ou no espaço, fruto que trazemos ao renascer.”

É um erro acreditar que só as mulheres podem ser médiuns. Homens e mulheres têm, em potencial, a mediunidade, como já havia falado Allan Kardec.

Antes de procurar desenvolver a mediunidade, é preciso tomar os conselhos de um espírita sério; convém fazer, previamente, os necessários estudos.

Nunca se deve considerar a imposição das mãos sobre um *guéridon*<sup>27</sup> como um divertimento, uma distração.

Muitas vezes me acontece, num meio em que não se está preparado para ocupar-se com psiquismo nem Espiritismo, me falarem:

– Ah! Você é espírita. Eu também; tenho realizado um pouco dessas coisas; diverti-me com amigos, fazendo girar as mesas.

Cada vez que ouvi tais declarações, tremi, em pensar nos perigos corridos por meu interlocutor.

Se o Espiritismo encerra nele maravilhosos meios de felicidade, encerra, igualmente, graves perigos; é uma arma de dois

gumes que convém saber manejar, quando se quer tratar com pesquisas experimentais e quando se deseja desenvolver a mediunidade.

Antes de tudo, é preciso estudar as obras espíritas.

Os médiuns podem escapar dos graves perigos que os ameaçam?

Léon Denis lhes traça o meio:<sup>28</sup>

“A mediunidade é uma flor delicada que tem necessidade, para se expandir, de precauções atentas e de cuidados permanentes.

É preciso método, paciência, altas aspirações e nobres sentimentos.

Necessário, sobretudo, terna solicitude do Espírito bom que o envolve com seu amor, com seus fluidos vivificantes. Quase sempre, porém, se quer produzir frutos prematuros e, desde então, ela se estiola, fenece ao sopro dos Espíritos atrasados.

Na antiguidade, os jovens médiuns que revelassem aptidões especiais eram retirados do mundo, colocados fora de qualquer influência degradante, em lugares consagrados ao culto, cercados de tudo o que pudesse elevar seus pensamentos e seus corações, desenvolver neles o sentimento do Belo.

Assim eram as virgens vestais, as druidesas, as sibilas, etc.

Eram, da mesma forma, as escolas de profetas e videntes da Judeia, colocados longe do barulho das cidades.

No silêncio do deserto, na paz dos píncaros, os iniciados sabiam atrair para eles as influências superiores e interrogar o Invisível. Graças a essa educação, chegavam a resultados que nos surpreendem.

Atualmente tais procedimentos são inaplicáveis.

As exigências sociais não permitem sempre ao médium se consagrar, como conviria, ao cultivo de suas faculdades.

Sua atenção é desviada pelas mil necessidades da vida familiar, suas aspirações entravadas pelo contato de uma sociedade mais ou menos frívola ou corrompida.

Às vezes ele é chamado a exercer suas aptidões em meios impregnados de fluidos impuros, de vibrações desarmônicas, que reagem sobre seu organismo tão impressionável e que causam perturbação e desordem.

É preciso que, pelo menos, o médium, compenetrado da utilidade e da grandeza de seu papel, se aplique a aumentar seus conhecimentos e busque espiritualizar-se ao máximo; que aproveite as horas de recolhimento e que tente, então, pela visão interior, chegar até às coisas divinas, à beleza eterna e perfeita.

Quanto mais inteligência, saber e moralidade sejam desenvolvidos nele, mais apto se tornará para servir de intermediário às grandes almas do espaço.”

Léon Denis trata, igualmente, essa questão em suas outras obras; citarei, por exemplo, o que ele escreveu em *O Grande Enigma*.<sup>29</sup>

“Os médiuns podem prevenir os perigos da mediunidade preparando-se para suas funções como para um ministério sagrado, pela invocação, pelo recolhimento e pela oração.

O iniciado nos ministérios antigos tinha um ritual; só se entregava à evocação depois de estar preparado pela abstinência, pela meditação e no recolhimento.

A lei não pode mudar; quem quiser passar além se expõe a reais inconvenientes.”

## V

### Como experimentar

Após ter estudado a obra de Léon Denis, pode-se conhecer a maneira como convém experimentar; pode-se adquirir, pessoalmente, a prova experimental de que o Espiritismo é uma realidade?

Minha resposta é nitidamente afirmativa.

Segundo penso, o melhor meio de se preparar para a experiência pessoal é estudar seriamente.<sup>30</sup>

Além das passagens da obra de Léon Denis, assinaladas neste estudo, é bom ler com atenção *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec; se desejam desenvolver sua força magnética, estudar com cuidado *Le Traitement Mental*,<sup>31</sup> de Albert Caillet.

Leitores, peço-lhes não se julguem capazes de realizar experimentação simplesmente porque ouviram um conferencista sabido lhes transmitir a certeza das realidades do Espiritismo; não se creiam mais capazes de experimentar porque leram uma obra espírita.

Antes de experimentar, é preciso estudar muito seriamente a Doutrina; convém, ainda, entrar em relações com os que têm uma grande prática no Espiritismo, notadamente com os presidentes das Associações Espíritas.<sup>32</sup>

Pode-se, igualmente, tentar conhecer um dos chefes de grupos familiares que existem em França, mas dos quais, geralmente, ignora-se a existência, porque, também, esses próprios chefes sabem como seria perigoso alguém realizar experiências, utilizando-se um Espírito estranho às necessidades reais.

Sobretudo, leitores, quando, após terem lido muito, preparem-se para começar o estudo prático e experimental do Espiritismo; coloquem-se, frente a frente de vocês, para manter seu espírito crítico e ter uma perseverança incansável.

É preciso conhecer muito bem todas as objeções, mesmo as mais fáceis de refutação.

Quando uma única objeção for suscetível de explicar o resultado de uma de suas experiências, não hesitem nunca em rejeitar o fenômeno.

Aplique, de forma implacável, a regra que, de minha parte, tracei:

Nunca interpretar como vindo do Além um fenômeno que possa ser explicado por qualquer uma das objeções apresentadas aos espíritas por aqueles que tentam demonstrar a irrealidade do Espiritismo.

Quando começarem o estudo experimental, devem igualmente estar certos de não terem receio.

Com efeito, é profundamente perturbador se sentir em presença, embora a invisibilidade, de um ser que se manifesta, apesar de sabermos que seu corpo já está, a mais ou menos tempo, na sepultura.

É preciso, realmente, ter coragem e muita confiança em seus protetores invisíveis, para viver numa casa mal-assombrada como, por exemplo, o fez Léon Denis.

É necessário também não ter medo para ir a um lugar mal-assombrado, com um médium, e fazer experiências de tiptologia.

Ora, o patriarca do Espiritismo não vacilou em fazê-lo, em 1870.<sup>33</sup>

Não se tratava, para ele, já espírita, de se convencer da realidade do fato; num espírito de altruísmo, ele tinha, antes, a intenção de tentar prestar serviço às pobres almas que, após sua morte, estavam condicionadas depois de longos anos, talvez, a permanecerem perto dos vivos e a tentarem manifestar sua presença por meios muito primitivos.

Quando experimentarem, não comecem nunca uma reunião sem estar em relação mental com seus guias, sem lhes ter pedido para ajudá-los e protegê-los.

Afastem os que acharem que isso é misticismo; não se é místico porque se está certo de que há um Ser Supremo, que se chama não importa como; não se é místico porque se possui essa certeza de que há sempre, perto de nós, para nos ajudar neste

mundo, um dos que têm essa tarefa, por vezes estafante, de guiar os seres humanos encarnados e de tentarem, missão muitas vezes bem difícil, impedi-los de darem passos em falso.

Para termos uma ideia exata da maneira como convém proceder, vejamos o que se passava no grupo da Rua do Rempart. Havia lá uma entidade encarregada da direção espiritual. As comunicações dadas nas sessões tinham uma finalidade precisa e constante.

As reuniões não se realizavam constantemente.

Isso comprova que é erro dos que imaginam que se deve consagrar ao Espiritismo experimental de uma forma contínua, seguida, abandonando todas as suas outras ocupações.

Tal maneira de encarar a experimentação é errônea.

É certo que o estudo de nossa Doutrina é apaixonante e n'alguns pode provocar negligência de comportamento, mas os que se deixam levar por essa tentação fazem mal à nossa causa.

Léon Denis presidia o Grupo da Rua do Rempart e julgava suficiente fazer uma reunião quinzenal, à noite.

Só eram admitidos os membros do grupo. Eram, cada vez, quinze ou vinte. Cinco médiuns participavam e todos tinham mediunidade de incorporação; dois dentre eles tinham também a vidência, a audiência e eram médiuns escreventes.

No começo de cada sessão, o presidente, no caso Léon Denis, fazia uma curta prece.<sup>34</sup>

Em seguida, diminuía-se a luz e ouviam-se, com paciência e recolhimento, as manifestações.

O chefe do grupo<sup>35</sup> deve ter estudado, completamente, não apenas o Espiritismo, mas, ainda, o magnetismo, a fim de poder explicar a todos os fenômenos que possam aparecer.

De minha parte, tive a ocasião de me encontrar em presença de médiuns que poderiam ter sido vítimas de graves acidentes, se eu ignorasse o magnetismo e os meios de me prevenir.

O chefe do grupo deve ser capaz de conservar seu sangue frio, mesmo diante dos mais graves casos.

Lembro, para estudo do magnetismo, a valiosa consulta do *Traitement Mental*, de Caillet.<sup>36</sup>

A propósito da necessidade de obter a ajuda de um guia espiritual, destacaria o que Léon Denis escreveu em *O Grande Enigma*.<sup>37</sup>

“Temos constatado, muitas vezes, em nossa bem longa carreira de experimentador: quando, numa reunião espírita, todos os pensamentos e todas as vontades se unem num elo poderoso, numa convicção profunda; quando se dirigem para Deus, pela prece, o socorro jamais falha.

Todas essas vontades reunidas constituem um feixe de forças, uma arma segura contra o mal. Ao apelo que se eleva ao Céu há sempre algum Espírito de escol que atende.

Esse Espírito protetor, por um convite do alto, vem dirigir nossos trabalhos, afastar os Espíritos inferiores, só deixando intervir aqueles cujas manifestações sejam úteis para eles ou para os encarnados.

Existe aí um princípio infalível. Com o pensamento depurado e a elevação para Deus, o espírita experimentador pode ser uma uva, uma força moral, uma fonte de consolações.

Sem isso, reinará a incerteza, com a porta aberta para todas as armadilhas do Invisível.

É uma saída aberta a todas as influências, a todos os perigos do abismo, do ódio, dessas tempestades do mal, que passam pela humanidade como perturbações e a cobrem de desordem e de ruínas.

Sim, é bom, é necessário abrir os caminhos para se comunicar com o mundo dos Espíritos, mas, antes de tudo, é preciso evitar que esses caminhos sirvam a nossos inimigos, para nos prejudicarem.

Recordemos que, no mundo invisível, há muitos elementos impuros. Abrir-lhes uma porta seria espalhar sobre a Terra males incontáveis; seria entregar aos Espíritos perversos uma multidão de almas frágeis e desprevenidas.

Para entrar em relações com as potências superiores, com os Espíritos esclarecidos, é necessário ter vontade e fé, desinteresse absoluto e elevação de pensamento.

Fora dessas condições, o experimentador seria joguete de Espíritos levianos. “Os semelhantes se atraem”, diz o provérbio.

Com efeito, a lei das afinidades rege o mundo das almas e o dos corpos.”

Para se dedicar à experimentação, é preciso ter muita paciência e não desanimar diante das sessões improdutivas.

De minha parte, tive-as muitas.

Ao demais, ainda não recebi comunicações de nenhum de meus parentes, tendo obtido inegáveis manifestações de Espíritos.

No começo de suas experiências, Léon Denis desejava, vivamente, ter uma manifestação de seu pai; um de seus guias lhe havia dito: “Tu a terás”. Ele a aguardou muito tempo. Eu luto contra a tendência de certas pessoas que desejam unicamente praticar o Espiritismo com egoísmo, isto é, com o único desejo de entrar em relações com seus parentes, sem estarem interessados pelas comunicações de desconhecidos.

Quando se possui a certeza da realidade do Espiritismo, quando se sabe que a morte não existe, já não é suficiente?

É preciso para manter sua convicção ter ainda a comunicação de um dos seus?

Já perto de ficar sozinho no mundo, não tendo mais família, eu teria, talvez, o direito de obter a graça de uma comunicação dos meus, mas isso não seria por causa do que faço para divulgar os conhecimentos de nossa Doutrina.

Jamais recebi qualquer comunicação de meus queridos mortos, mas tenho suficientes provas para estar certo de que os que me deixaram não estão realmente mortos e que, numa existência ou noutra, teremos ocasião de nos encontrar.

Em *No Invisível*,<sup>38</sup> Léon Denis nos narra como foi posto em contato com seu pai morto.

“Meu pai – escreveu ele –, morto há uns 20 anos, jamais havia podido se comunicar no seio do grupo cujos trabalhos eu dirigia, fazia muito tempo, por nenhum dos médiuns que o frequentaram.

Apenas um deles havia podido entrevê-lo como uma sombra vaga, indistinta.

Eu havia perdido qualquer esperança de conversar com ele, quando, certa noite, em Marselha, durante uma visita de despedida feita a uma família amiga, uma senhora, que eu não via fazia mais de um ano, se apresenta e se junta a nós.

No meio de nossa conversa, ela adormece, num sono espontâneo, e por seu intermédio vejo minha grande surpresa: o Espírito de meu pai, que ela jamais conhecera, se manifesta, me dá provas de identidade irrecusáveis e, numa efusão cheia de ternura, manifesta as sensações e as vivas emoções que sentira após a hora da separação.”

Poucas pessoas sabem que Joseph Denis, pai do célebre autor, era também espírita.

Quando morreu, *Le Spiritisme*<sup>39</sup> publicou o artigo seguinte:

“Léon Denis, o simpático e eloquente conferencista de Touraine, nos comunicou a desencarnação de seu pai Joseph Denis, em 19 de janeiro, após longa e cruel enfermidade.

Partilhamos da tristeza de nosso amigo, mas sabemos que ele saberá superar a dor do primeiro momento por meio das consolações que nossa Doutrina nos oferece.

O pai de Léon Denis era espírita fervoroso e convicto.

A morte não o amedrontava e ele a viu chegar, sem temor e sem desfalecimento.”

O enterro foi apenas civil. Um grande número de espíritas de Tours acompanhava o enterro e os assistentes estavam muito impressionados pelo discurso pronunciado por nosso confrade capitão Harmant.

A fim de que não se duvide do caráter civil do sepultamento, Léon Denis mandou imprimir na comunicação de luto a seguinte declaração:

“Nascer, morrer, renascer e progredir sempre, tal é a lei.” (*Allan Kardec*)

“Os mortos não são os ausentes, são os invisíveis.” (*Victor Hugo*)

“A família do morto, segundo sua vontade, declara que, se Joseph Denis desejou ser sepultado civilmente, sem a presença de um padre assalariado, não é como manifestação de ateísmo, como ato anti-religioso, porém porque ele mantinha suas crenças na consciência livre, esclarecida, fora das prescrições de qualquer culto material.

J. Denis crê em Deus, princípio soberano e regulador da vida universal. Crê na continuação da existência após a morte, nas vidas sucessivas que o Espírito percorre como tantos degraus para se elevar rumo à Eterna Luz.

Ele crê no Progresso infinito, na justiça, na solidariedade entre os seres. É com essas disposições de espírito que ele entra na nova vida.”

Após a morte de sua mãe, com a idade de 84 anos, a 19 de novembro de 1903, Léon Denis mandou imprimir, igualmente, uma nota de falecimento de teor espírita. Estava assim impressa:<sup>40</sup>

“Nascer, morrer, renascer e progredir sempre, tal é a lei.” (*Allan Kardec*)

“Os mortos não são os ausentes, são os invisíveis.” (*Victor Hugo*)

“O Sr. Léon Denis tem a honra de lhe participar a morte terrestre da viúva Sra. Denis, sua mãe, nascida Anne-Lucie Liouville.

Sua alma despreendeu-se da prisão carnal a 17 de novembro de 1903, às 6 horas da manhã.

Após uma dolorosa existência de sofrimentos, de sacrifícios e de dever, foi, com todas as virtudes e méritos adquiridos, recolher-se ao Espaço e se preparar para uma nova vida.

N.B. – Ela só quis convidar para seu enterro um pequeno número de amigos; recomendou que se evitasse, nos funerais, toda coisa inútil ou de vaidade e que se desse aos pobres, sem exceção de opinião ou de crença, o que se gasta ordinariamente nas pompas fúnebres.”

Poder-se-ia estabelecer uma semelhança entre essas duas participações e a de Hector Durville.

A comunicação da morte do célebre magnetizador estava impressa em papel branco; trazia a afirmativa de que os funerais civis não deviam supor que o morto fosse materialista e mencionava que, os que viessem ao enterro deveriam comparecer com um espírito de piedade, sem qualquer tristeza.

Isso responde exatamente às preocupações de nossos amigos invisíveis; nunca se deveria chorar em um velório, ao contrário, se deveria inclinar, baixinho, e com tristeza, diante dos berços. O velório comprova a saída, enquanto que, para o pequeno ser que acaba de encarnar, a vida será, certamente, a fonte de provações mais ou menos cruéis, qualquer que seja sua situação terrena.

Importa, igualmente, quando se experimenta, fazer pesquisas com o maior desinteresse e sem qualquer fim lucrativo. Léon Denis, a esse respeito, é absolutamente formal; ele o disse, várias vezes e, notadamente, em *O Grande Enigma*, no trecho da página 101, já citada.

Para se ter os mais amplos pormenores sobre a experimentação, os leitores consultarão, utilmente, *No Invisível*, 7º milheiro, páginas 21, 123, 126, 135 e 136 (edição francesa).

Se se desejar levar mais longe a experimentação, é bom conhecer o processo para se obter a regressão de memória e tentar continuar as experiências tão interessantes de Albert de Rochas.

Encontram-se orientações sob esse assunto em *O Problema do Ser e do Destino* – 14º milheiro, página 137, edição francesa.<sup>41</sup>

Recordando, antes de fazer essa citação, quanta prudência é indispensável quando se quer experimentar. Ainda insistindo junto aos leitores, sobre os reais e graves perigos da experimentação espírita realizada desordenadamente, creio ajudar, destacando o texto de *No Invisível*, onde Léon Denis deu sábios conselhos aos iniciantes.

“O grupo constituído e formado de 4 a 8 pessoas de ambos os sexos, por quais experiências se deverá começar?”

Se ainda nenhuma mediunidade se revelou, será conveniente começar pela mesa. É o meio mais simples, mais rudimentar. Ele está, por isso mesmo, no caminho de outros fenômenos.

Colocados, alternadamente, homens e mulheres, em volta de uma mesa, com as mãos espalmadas sobre o tampo, os assistentes farão um apelo a seus amigos do espaço, depois aguardarão, em silêncio, com o desejo de obterem comunicações, porém sem a pressão dos dedos e sem a tensão do espírito.

É inútil prolongar as tentativas durante mais de meia hora; quase sempre, desde a primeira reunião, impressões fluídicas são sentidas; correntes se destacam das mãos dos experimentadores, revelando, por sua intensidade, o grau de aptidão de cada um. Ruídos são ouvidos no móvel, que acaba por se inclinar, por se agitar, depois se destaca do solo e fica suspenso sobre um dos pés.

Desde então, é bom combinar uma série de sinais.

Pede-se à força-inteligência que se manifeste, batendo com os pés ou no interior da mesa, um número de golpes correspondentes aos das letras do alfabeto.

Assim, palavras e frases podem ser ditadas, questões propostas e respostas obtidas. Uma conversação se estabelecerá entre o dirigente do grupo e a inteligência invisível.

Pode-se abreviar e simplificar, por sinais convencionados. Por exemplo, um único golpe significar afirmação e dois para a negação.

Tal modo de comunicação, lento e cansativo, no começo, se tornará bastante rápido com a prática.

Quando os médiuns forem conhecidos, bastará colocá-los no centro do grupo, em volta da mesa, a fim de acelerar os movimentos e facilitar as comunicações. Os outros membros farão um círculo em derredor deles.

Folhas de papel e lápis deverão estar colocados nas proximidades; as questões e as respostas serão escrupulosamente transcritas.

Desde que a inteligência se revele com respostas precisas, sensatas e características, poder-se-á consultá-las sobre a formação do grupo, as aptidões mediúnicas dos assistentes e o caminho a seguir nos trabalhos.

Todavia, é bom se prevenir contra os Espíritos levianos que afluem em torno de nós e não receiam tomar nomes célebres para nos mistificarem.

Pode-se experimentar, simultaneamente, pela mesa e pela escrita. Os fenômenos dessa ordem conduzem, geralmente, a outras manifestações mais elevadas, por exemplo, o transe, o sono magnético ou a incorporação.

Será bom, no começo, reservar cada metade da sessão para cada modalidade.

A maneira de proceder, pela escrita automática, é bem simples.

O experimentador, munido de um lápis, cuja ponta repousa levemente sobre o papel, evoca mentalmente algum dos seus e aguarda.

No fim de certo tempo, bem variável conforme os casos e as pessoas, o escrevente percebe uma agitação febril do braço, da mão, e que vai se acentuando. Depois, um impulso estranho lhe faz traçar sinais informes, linhas e desenhos.

Convém obedecer a esse impulso e se submeter pacientemente aos exercícios de aparência bizarra, porém necessários para envolver o organismo e regularizar a emissão fluídica.

Pouco a pouco, no final de algumas sessões, aparecem letras, entre sinais incoerentes, depois virão palavras e frases.

O médium obterá mensagens, inicialmente breves, consistindo em algumas linhas que se alongarão, porém cada vez mais, à medida que sua faculdade progrida.

Finalmente, virão instruções mais precisas e mais extensas.

Durante o período dos exercícios, o médium poderá trabalhar fora das reuniões, cada dia, em horas certas, a fim de ativar o desenvolvimento de sua faculdade, porém, logo que esse período termine, desde que as manifestações se revistam de um caráter inteligente, ele deverá evitar o isolamento, só trabalhar nas reuniões e submeter as produções de sua mão ao crivo do presidente e dos guias do grupo.

Existem diferentes processos para facilitar a comunicação alfabética. As letras são traçadas num quadro, em cuja superfície está um triângulo móvel. Basta o contato dos dedos de um médium para transmitir a esse pequeno móvel a força fluídica necessária.

Sob essa ação, o triângulo se movimenta rapidamente e vai desenhar as letras escolhidas pelo Espírito.

Em certos grupos, as letras são indicadas com o auxílio de golpes dados no interior da mesa.

Outros se servem, com sucesso, para escrever, da cesta ou da prancheta americana.

Os sistemas são numerosos e variados. Pode-se tentá-los, até que se tenha encontrado o que se adapta melhor aos recursos fluídicos e ao gosto dos experimentadores.”

Para terminar esse rápido estudo sobre a experimentação espírita realizada pelo grande apóstolo do Espiritismo, lembrarei o trecho de *O Problema do Ser e do Destino*, onde ele apresenta, aos que pretendem, um excelente meio de entrar em comunicação com o Além:

“Às vezes – escreveu ele <sup>42</sup> –, as almas humanas em desespero se dirigem a mim para solicitar do Além avisos, conselhos e sugestões, que não posso conseguir.

Eu lhes recomendava, então, a seguinte experiência que, por vezes, dava resultado: debrucem-se sobre vocês mesmos, dizia-lhes eu, no isolamento e no silêncio.

Elevem seus pensamentos para Deus, invoquem seu espírito protetor, esse guia tutelar que a Providência coloca em nossos passos, em nossa vida terrena.

Interroguem-no sobre as questões que lhes preocupam, com a condição de serem dignos dele, isentos de qualquer interesse inferior. Depois aguardem, ouçam atentamente em vocês mesmos e, no cabo de um instante, nas profundezas de suas consciências, ouvirão como o eco débil de uma voz distante ou, então, perceberão as vibrações envolventes, consoladoras, de um pensamento misterioso, que dissipará dúvidas e angústias.

Eis aí, com efeito, uma das formas da mediunidade e não das menos belas.

Todos podem obtê-la e participar dessa comunhão dos vivos e dos mortos e que é convocada para se estender, um dia, a toda a humanidade.”

Seguindo o método experimental relatado por Léon Denis,<sup>43</sup> obtemos muito sucesso; para dar prova disso citarei o que se passa no Foyer Spirite de Béziers, presidida pela Sra. Ducel, membro da Comissão da União Espírita Francesa.

A Sra. Ducel e os membros de seu grupo obtiveram numerosas provas de identidade descritas incompletamente, no relato apresentado por ela, no Congresso Espírita Internacional de 1925.

“Em Béziers – escreveu ela <sup>44</sup> –, o Espiritismo progrediu e os grupos também. Seguindo conselho do mestre Léon Denis, exceto para as reuniões comuns, nós não desprezamos os números que ele fixou: três, no mínimo, e doze, no máximo.

Chegando a quinze, pois era preciso prevenir ausências, formava-se um segundo grupo e o dirigente que tivera tempo de conhecer as características e as simpatias, designava a parte dos antigos que devia formar, com os novatos, um segundo grupo.”

## Notas:

---

- <sup>1</sup> Edições CELD (1990 – 3ª edição).
- <sup>2</sup> Ver Henri Regnault – *Tu Revivras*, págs. 23, 175 e seguintes.
- <sup>3</sup> Expressão idiomática com sentimento pejorativo.
- <sup>4</sup> Gaston Luce, em *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo*, informa que o grupo terminou suas sessões em fins de 1909. Ver edição CELD do referido livro, às páginas 197 e 198. (Nota da Editora.)
- <sup>5</sup> Esses médiuns, naturalmente, eram desinteressados. Na biografia de Léon Denis, Gaston Luce nos informa que o próprio mestre era médium escrevente e vidente. Gaston Luce – *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo*, Edições CELD, página 32. (Nota da Editora.)
- <sup>6</sup> Ver Henri Regnault – *La Mort n'est Pas*, páginas 166 e seguintes.
- <sup>7</sup> Léon Denis, *No Invisível*, cap. 16.
- <sup>8</sup> Ibidem.
- <sup>9</sup> Trata-se, evidentemente, das edições francesas.
- <sup>10</sup> Edição francesa.
- <sup>11</sup> Para os fenômenos de escrita direta, pode-se consultar, utilmente, as obras do Dr. Paul Gibier.
- <sup>12</sup> Edição francesa.
- <sup>13</sup> Edição francesa.
- <sup>14</sup> Edição francesa.
- <sup>15</sup> Ibidem.
- <sup>16</sup> Ibidem.

- 
- <sup>17</sup> Dialeto usado na Picardia, uma antiga província da França.
- <sup>18</sup> Não é inútil lembrar que Colley teve pelo médium Monck, manifestações, a plena luz, e com minucioso controle. Ver, a propósito, Gabriel Delanne – *Les Apparitions Materialisées des Vivants et des Morts*, tomo II, páginas 521 e seguintes.
- <sup>19</sup> Léon Denis – *No Invisível*, 7º milheiro, página 323, edição francesa.
- <sup>20</sup> Léon Denis, *O Problema do Ser e do Destino* (14º milheiro), página 54, edição francesa.
- <sup>21</sup> Isso foi escrito em março de 1928. Desde essa época tenho assistido a outras sessões, mas nossos estudos cessaram, momentaneamente, porque o médium fraturou o braço. No momento, pois, não me é possível concluir definitivamente.
- <sup>22</sup> Léon Denis – *O Grande Enigma*, 3º milheiro, pág. 99, edição francesa.
- <sup>23</sup> Edição francesa. Título em francês: *Phénomènes Psychiques*. (N.E.)
- <sup>24</sup> Edição francesa.
- <sup>25</sup> Edição francesa.
- <sup>26</sup> Falo dos grupos de estudo. Quando um grupo já está constituído e com resultados positivos, nada se opõe à organização de sessões especiais de propaganda, nas quais as condições de simpatia mútua não são mais tão rigorosas.
- <sup>27</sup> Mesa redonda de apenas um pé, muito usada para as manifestações das mesas girantes. (N.E.)
- <sup>28</sup> *No invisível*, 7º milheiro, página 77, edição francesa.
- <sup>29</sup> Léon Denis, *O Grande Enigma*, 3º milheiro, página, 312, edição francesa.
- <sup>30</sup> Ponho-me, graciosamente, à disposição dos meus leitores que desejarem ser orientados. Escrever aos cuidados de Leymarie. Rua Saint-Jacques, 42, juntando um selo para resposta.

Se desejam realizar experiências de regressão de memória, encontrarão em meu livro *Tu Revivras*, capítulo VI, o modo

---

experimental empregado por Albert de Rochas, Charles Lance-  
lin e Alphonse Bouvier.

<sup>31</sup> *O Tratamento Mental*. (N.E.)

<sup>32</sup> Encontra-se a lista das Sociedades adesas à União Espírita Francesa, na 4ª página do *Bulletin de l'Union Spirite Française*, revista mensal reservada aos adesos da união, na Rua Copernic, 9, Paris (assinatura anual: 10 francos).

Podem, igualmente, dirigir-se à Société Française d'Études des Phénomènes Psychiques, Rua Gatines, 1, Paris, que publica "La Tribune Spirite" (assinatura anual: 10 francos).

<sup>33</sup> Ver capítulo I da presente obra.

<sup>34</sup> Como já assinalei, para orar não é necessário empregar uma fórmula decorada; basta uma simples elevação de pensamento para com o Criador e para com os protetores invisíveis.

<sup>35</sup> Ver o Capítulo III deste livro.

<sup>36</sup> "Tratamento mental". (N.E.)

<sup>37</sup> Léon Denis, *O Grande Enigma*, 3º milheiro, página 101, edição francesa.

<sup>38</sup> Léon Denis, *No Invisível*, 7º milheiro, página 103, edição francesa.

<sup>39</sup> *Le Spiritisme*, 1ª quinzena de fevereiro de 1886.

<sup>40</sup> *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1903, 1904 – pág. 375.

<sup>41</sup> Ver Henri Regnault, *Tu Revivras*, capítulo VI, páginas 227 a 252.

<sup>42</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 14º milheiro, página 417, edição francesa.

<sup>43</sup> Eu ficaria agradecido aos que obtivessem resultados, que me escrevessem, citando todas as indicações úteis.

<sup>44</sup> Relatório do Congresso Espírita Internacional de 1925, página 129, edição francesa.